



SABERES NA ESCOLA E DISCUSSÕES DENTRO DO ESCOPO METODOLÓGICO

Instituições, Gestão e Compromisso social.

Nathana Marina Diska¹
Fernanda Gabriela Soares Santos²

RESUMO

Com o advento do término da disciplina “Metodologia da Educação” do curso de Formação de Professores da UFSM, é pertinente que uma visitação aos textos seja refeita com o objetivo de uma revisão bibliográfica. Em “Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas” de Libâneo, exploramos inúmeras questões a despeito do funcionamento da escola e de métodos de aprendizagem. Seu enfoque principal, porém, é na prática de produção de saberes, o que sintetizamos como uma metodologia para, guia, suspeitas e apostas dos professores quanto a sua posição dentro da escola. No texto “A esquizoanálise do currículo” de Clermont e Gauthier percebemos a tentativa inicial dos autores ao tentarem especificar em termos o que é o currículo e o quanto este se mostra, ora como uma espécie tipo ideal weberiano, ora com tantas vicissitudes que se mostra de maneira anômala e que deveria ser utilizada dependendo do contexto. Através da vivência e das leituras indicadas para a análise da Metodologia da Educação, percebemos que muitos dos assuntos nos trazem à tona diferentes percepções acerca da participação dos e das educadoras na vida dos e das alunas. Inicialmente visualizamos a realidade e as impossibilidades da carreira de professores e professoras, os desafios alcançados e o que se deve melhorar, tanto no que tange a educação básica, quanto à profissional e a formação dos próprios educadores.

Palavras-chave: Metodologia, Licenciatura, Formação de Professores, Currículo, Escola

INTRODUÇÃO

Com o advento do término da disciplina “Metodologia da Educação” do curso de Formação de Professores da UFSM, é pertinente que uma visitação aos textos seja refeita com o objetivo de uma revisão bibliográfica. Para tanto, autores como José Carlos Libâneo e Clermont e Gauthier serão utilizados, além de Daniela Spudeit, Joelson Juk dentre outras organizadoras e colaboradoras.

¹ Graduada em Medicina Veterinária pela UFSM, Mestranda em Extensão Rural no PPGExR/UFSM; nathanamdiska@gmail.com

² Graduada em Filosofia/Licenciatura plena-UFSM, Especialista em Gestão Educacional/UFSM Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio/UAB/UFSM, Mestre em Educação/UFSM Professora de filosofia na rede pública estadual de Ensino, Professora Substituta na UFSM; Membro do Corpo Editorial da Revista Virtual Partes/SP, Integrante do grupo de Estudos em Memória e Educação Povo de Clio/UFSM; fernandagssantos@yahoo.com.br



Saberes na Escola e sugestões de um educador

Em “Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas” de Libâneo, exploramos inúmeras questões a despeito do funcionamento da escola e de métodos de aprendizagem. Seu enfoque principal, porém, é na prática de produção de saberes, o que sintetizamos como uma metodologia para, guia, suspeitas e apostas dos professores quanto a sua posição dentro da escola. Neste contexto, serão vislumbradas questões pertinentes quanto a atualidade da atuação dos professores e da qualidade de ensino, tanto no que tange à formação dos alunos nas escolas, quanto da formação dos próprios professores que exercem sua função.

O autor menciona a precariedade das escolas e do ensino no Brasil, apelando para a realidade e dando exemplos a respeito desta situação. Nesta situação, percebemos que a culpa não deve ser jogada apenas nos professores, visto que as condições e o plano de carreira dessa profissão tem sido cada dia mais desvalorizado no Brasil: baixos salários, falta de incentivo, locais afastados e marginalizados, desmotivam o professor cada dia mais. Cabe pensar na importância da formação continuada dos professores e também no currículo a ser avaliado. Se a formação pedagógica adotada pelo ensino público é assim tão boa, por que os colégios particulares não a adotam?

A relação entre o aumento da pesquisa no Brasil, na área das licenciaturas, não tem propiciado vantagens e ganhos para a educação básica. Esta se mostrado ineficiente, pois não há um contato exitoso entre professores e pesquisadores. Os pesquisadores se pautam em teorias e falam “no lugar” dos professores das escolas, o que demonstra certa falta de propriedade além de distanciar ainda mais as duas categorias.

Além dessa relação distanciada, o autor entende que muitos dos professores das áreas específicas, formadores dos professores das escolas, não dão ênfase à área da educação, deixando como pertinente apenas questões hipotéticas, distanciadas da realidade das salas de aula. Ou seja, há uma dificuldade em



estabelecer um contato entre as disciplinas e a conversão em saberes pedagógicos e também de alicerçar esses conhecimentos - quando existem - na prática das escolas brasileiras.

Outras situações impedem que a realidade e qualidade do ensino na sala de aula sejam porvindouras são elucidadas pelo autor:

“(...) Os professores aprendem a conviver com essa cultura e precisam combinar suas perspectivas e expectativas com as que a instituição possui a respeito deles. Haveria três formas de o professor orientar o seu trabalho: o presentismo, em que os professores concentram seu esforço nos planos de curto prazo na sala de aula, que é onde acham que podem conseguir alguma coisa, alguma realização etc.; o conservadorismo - os professores evitam discussões, reflexões ou compromissos com mudanças que mexam com o que fazem ou com o modo como fazem, e também resistem a alguma observação sobre o que ensinam e como ensinam; o individualismo - tendem a recusar colaboração de colegas por medo de julgamentos e críticas ou de interferências no seu trabalho.”

Levando em consideração a importância desses métodos, percebemos o quanto, por vezes, o professor permanece envolto de tradições conservadoras e de receio em quiçá modificar seu método para uma melhoria em sala de aula. Além dessa situação, encontramos a flexibilização no ensino: disciplinas têm seus conteúdos sumariamente diminuídos, menor rigor nas avaliações, fazendo com que alunos que não aprenderam os conteúdos passem de ano. Isso pode parecer progressista, porém pode contribuir com a manutenção da exclusão social.

Para resolver essas questões, ou ao menos suscitar debate para uma mudança de ordem prática, Libâneo sugere que, de modo sucinto: 1) se retome a discussão acerca de que tipo de sujeito a escola deve “devolver” ao mercado de trabalho, porém que não se enfoque tão somente no mundo do trabalho, mas também, no aspecto de um cidadão completo cultural e socialmente. 2) deve-se ter em mente que para a formação de aluno competentes, os educadores devem ter uma formação substancial, tanto teórica quanto prática. Para isso, uma formação continuada e o interesse do profissional são importantes para a mudança do perfil do



professor-educador, além dessas contribuições 3) o educador deve tentar ao máximo ser um ser humano culto, que seja pensante e crítico, com sua prática e também com sua posição no mundo. 4) deve-se ter o domínio total do conteúdo; 5) a didática deve ser encarada como disciplina, e com ela, assuntos de ordem prática podem suscitar pesquisas; 6) induzir na formação dos professores uma nova maneira de se observar, ou seja, outras concepções do ato de ensinar e de aprender. 7) Apostas de agências formadoras para a avaliação dos professores em aptidão, e 8) ocorram mudanças sérias quanto ao salário, o plano de carreira e as condições de trabalho dos professores.

Didática e Educação Profissional

Na leitura do artigo “A didática na educação profissional técnica de nível médio no Instituto Federal do Paraná” muitas discussões foram feitas em sala de aula, já que o PEG tem basicamente alunos com formação técnica, tivemos inúmeras contribuições de caráter prático. Este artigo, por sua vez, é uma pesquisa de caráter qualitativo e de análise documental, pautados em experiências concretas, segundo o autor, Joelson Juk.

Inicialmente o autor faz um breve histórico relativo ao Instituto Federal do Paraná, o qual não elucidarei aqui. Somente cabe mencionar, que o Instituto possui antigas raízes que foram modificando conforme o passar dos tempos e a sua transformação definitiva em Instituto Federal. Deve-se pautar, em contrapartida, que a educação profissional no Brasil começou com o intuito de filantropia, destinada aos desvalidos, ex-escravos, etc, ou seja, pessoas que serviriam tão somente como mão-de-obra meramente qualificada. Após Nilo Peçanha, as escolas técnicas passaram a ser para “aprendizes e artífices” e até os dias atuais, essas escolas têm crescido e angariado uma nova percepção e estima.

O ensino dentro de uma escola técnica, segundo o autor, é desafiador, pois não é apenas um ato de trabalhar e demonstrar seus trabalhos práticos, mas a valoração que se dá ao ato de repassar esse tipo de conhecimento. Em citação no artigo, trago na íntegra que, como lembra Demo (1993, p. 88):



“(...) é o aprimoramento do fator humano que transmite e produz qualidade. Existe hoje reconhecimento crescente sobre isso, inclusive no sistema produtivo, cuja qualidade é expressão da competência humana, muito mais que dos insumos, da matéria prima, dos métodos, etc. A pedra de toque da qualidade educativa é o professor.”

Para tanto, os professores deste e de outros institutos, devem ter uma formação ampla e capaz de atrelar prática e ensino. No Instituto do Paraná, muitos são os cursos ministrados e dentre eles, cita: Administração, Agroecologia, Cerâmica, Contabilidade, Edificações, Eletromecânica, Eletrônica, Eletrotécnica, Enfermagem, Eventos, Informática, Massoterapia, Mecânica, Petróleo e Gás, Processos Fotográficos, Produção de Áudio e Vídeo, Programação de Jogos Digitais, Prótese Dentária, Radiologia, Saúde Bucal, Telecomunicações e Transações Imobiliárias. Percebemos o caráter amplo destes cursos e o quanto os educadores devem ter especificidades aliadas de prática da profissão e também da prática educacional.

Sendo assim, percebemos que a didática é fundamental para os educadores estabelecerem uma ligação entre a capacidade imaginativa e a prática dos educandos. Deve-se lembrar que o currículo deve ter uma capacidade holística, ou seja, de visualizar o todo e não apenas as partes. Com isso, a formação do aluno de uma escola técnica, tem o objetivo de ser integral, mas pautada em suas preferências. O autor discorre a respeito do ensino de filosofia e de sociologia, mostrando a necessidade de disciplinas das áreas sociais e humanas para a compreensão dos educandos e da formação de um ser humano integral.

A didática é imprescindível dentro do IFPR, pois através desta, ocorre a participação e o envolvimento de todos no processo. Aliadas às mudanças da educação profissional atualmente, a didática também sofre tais modificações, nos quais o modelo arcaico e positivista vão gradualmente mudando de roupagem para ações mais progressistas.

A formação engessada e positivista de alguns professores, tende a deixá-los sem conseguir perceber a totalidade da educação, o que os faz pensar que as ciências das humanidades sejam menos importantes do que as de origem



puramente técnica, e isso é um equívoco. Dentro do IFPR, graças a às pesquisas recentes que estimulam diferentes didáticas educacionais, vários debates acontecem em prol do reconhecimento do papel do educador. Com isso, o debate e a inserção de disciplinas que vão além da formação técnica, garantem uma maior criticidade por parte de educadores e de alunos. Pautados nessa visão, percebemos que é frutífero um conhecimento que busque uma valorização do profissional, mas que também o coloquem como agente em uma sociedade sedenta de igualdade social. Para finalizar, com Gramsci, temos que, para a universalização dos conhecimentos “não [se] busca manter os simples na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior que torne politicamente possível um progresso intelectual da massa e não apenas de pequenos grupos de intelectuais.”

Esquizoanálise do Currículo

No texto “A esquizoanálise do currículo” de Clermont e Gauthier percebemos a tentativa inicial dos autores ao tentarem especificar em termos o que é o currículo e o quanto este se mostra, ora como uma espécie tipo ideal weberiano³, ora com tantas vicissitudes que se mostra de maneira anômala e que deveria ser utilizada dependendo do contexto. Em suma, o ser em si do currículo é complexo de se alcançar, e para tanto, os autores buscam esmiuçar diferentes concepções do sentido, em suas manifestações, para nos dar uma ideia mais clara da elaboração do currículo. Com isso, definem:

“Ao currículo como corpo, nós opomos uma concepção do currículo como superfície; ao currículo como ser, nós opomos uma concepção do currículo como devir; ao currículo como objeto claro e distinto, nós opomos uma concepção do currículo como “obra aberta”, isto é, como obra fundamentalmente ambígua sem, contudo, cair no indiferenciado; a um plano teleológico, nós opomos um plano geométrico.”

³ O tipo ideal de Weber não consta na íntegra deste texto, mas devido a minha análise, acreditei poder cunhar tal conceito.



Sendo assim, o currículo pode ter atributos, componentes e entrar em diferentes agenciamentos, mas essas são características dele acessórias. Os autores buscam apoio em analogias de caráter psicossocial para o entendimento do indivíduo. Ora comentam acerca da formação humana no que tange a psicanálise, enquanto que em contrapartida nos mostra uma realidade da “máquina”, cujos agenciamentos são infinitos. Neste sentido, a parte psicanalítica comprehende aspectos bem limitados, para deter a sua essência, mas os agenciamentos infinitos são extremamente maleáveis. O currículo, com essa analogia, está para a psicanálise, pois se busca o seu ser em si, sua essência. Porém, em visão e Deleuze e Guattari, o inconsciente também é máquina, e não para de criar, havendo uma dificuldade para a sua concepção a priori, assim como a concepção do currículo.

Partindo de uma segunda analogia, os autores sugerem não uso da psicanálise que preconiza enunciar os sentidos e aqueles que faltam, outrossim, exemplificar o uso da esquitoanálise, que busca, segundo a definição

Para a esquitoanálise, ao contrário, o universal, o total não existem (Guattari, 1979, p. 27). Sempre que encontramos um universal, podemos estar certos de que houve, de forma sutil, uma tomada de poder por parte de um dos termos em jogo, uma tomada de poder que vale por uma evidência e que exerce sua autoridade sobre o resto. Por isso, a esquitoanálise não rebaterá uma grande interpretativa sobre os enunciados, mas colocará a problemática em termos de agenciamentos maquinícios. Não buscaremos saber "o que isso quer dizer?" mas, antes, "como isso funciona?".

Percebemos que de modo prático, o currículo tende a ser engessado, porém, a proposta dos autores é de que seja feita uma análise sobre as funcionalidades do currículo em seus diferentes contextos, sem se atentar tão especificamente somente à essência da elaboração deste. Com isso, visualiza-se a imersão em um campo de possibilidades: ao não se trabalhar com conceitos fechados, com afirmações imperativas sobre o que algo é ou não é, essa análise deixa a elaboração de conceitos mais livres e disposição a encarar distintas realidades.



Os autores também fazem crítica a uma dialética do poder frente métodos considerados de maior ou menor importância. Como anteriormente pautado, as ciências cartesianas, técnicas, exatas, são vistas como sendo “mais científicas” em razão do rigor de seu método e de sua necessidade de generalização. Com isso, existe uma disputa de poderes ao tentarem demonstrar que a educação é tão válida e é também uma ciência de maior importância. Ora, isso não faz sentido, dada a substituição irrigária de um padrão pelo outro, entendemos assim, que existe uma característica de dominação de um tipo de conhecimento em detrimento de outrem, o que em suma, com a análise posterior dos autores, percebemos que se trata de uma desterritorialização, ou melhor elucidando, de formas de poder encaradas como válidas.

Assim, a pedagogia seria vista como uma ciência “menor”, no que, para finalizar este resumo, os autores colocam que:

“A minoridade da pedagogia é, pois, uma falsa minoridade, uma vez que ela captou, nesta ou naquela corrente, o homogêneo, o padronizado, o universal. Não se trata, pois, de fazer com que a pedagogia se tome majoritária, mas, antes, de extrair de um discurso pedagógico dominante os marcadores de poder. É assim que o pedagogo será, como se diz daqueles que são estrangeiros em sua própria língua, estrangeiro no modelo pedagógico que ele deve veicular em sua escola”.

A análise desse texto traz não só concepções válidas para a análise do currículo, mas também a respeito da essência de conceitos, de formas de poder dominante - dentro da ciência - e do devir. Devir o qual se estabelece as mudanças constantes, a transformação e a capacidade de diferenciação de olhares e das práticas decorrentes destes.

Elaboração de plano de ensino, de aula e a percepção da metodologia básica

Aliados à prática metodológica, fizemos uma revisão, durante o período de aula, de conceitos bem básicos da metodologia com uma leitura sobre Métodos de



Pesquisa, cuja unidade 1 “Aspectos Teóricos e Conceituais” por Aline Corrêa de Souza e Tatiana Engel Gerhardt, foi esmiuçado.

Dentre os conceitos revisados, avaliamos o que é uma pesquisa, como esta se constrói e qual sua diferença entre o senso comum. Desta maneira, partimos para uma elucidação do que é conhecimento científico e do que é o conhecimento por si só. A partir dessa análise, estudamos os conceitos de: conhecimento empírico, filosófico, teológico e científico, e dentro desse último, retomamos o método.

Com os conhecimentos acerca da pesquisa prementes em nossa rotina, prosseguimos com um assunto ligado diretamente à prática da licenciatura: como fazer um plano de ensino e um plano de aula.

Apoiada nas teorias construtivistas e sociointeracionistas, que colocam o aluno como protagonista, a autora Daniela Spudeit nos mostra como desenvolver planos em sala de aula. O plano de ensino consiste em dados da identificação da disciplina, nos quais devem conter: a ementa da disciplina, os objetivos, conteúdo programático, metodologia a avaliação e a bibliografia básica e complementar. Tais tópicos devem estar embasados na pergunta “o que eu quero que o aluno aprenda?”. Para isso, deve-se ter o conhecimento cultural do mundo, do perfil dos alunos e do projeto pedagógico da instituição.

No conceito do plano de ensino, deve constar o cabeçalho para a identificação da instituição, o curso, a disciplina com seu respectivo código, a carga horária, o dia e o horário e o contato do professor e/ou responsáveis.

No conceito de plano de aula, elabora-se: a preparação e a apresentação dos objetivos, conteúdos e tarefas, desenvolvimento da matéria nova e da consolidação dessa, a aplicação e a avaliação.

No cronograma visualizamos a separação do conteúdo. Logo, no plano de aula, deve conter: o tema da aula, os objetivos gerais e específicos, as etapas previstas, a metodologia, a avaliação e a bibliografia. De forma bem concreta e sucinta, a autora explora cada aspecto e descreve a função prática de um professor.

Sendo assim, a noção de que a organização faz parte da didática para que o conteúdo seja adequadamente ministrado pelo professor pelos alunos, é imprescindível.



Conclusão

Através da vivência e das leituras indicadas para a análise da Metodologia da Educação, percebemos que muitos dos assuntos nos trazem à tona diferentes percepções acerca da participação dos e das educadoras na vida dos e das alunas. Inicialmente visualizamos a realidade e as impossibilidades da carreira de professores e professoras, os desafios alcançados e o que se deve melhorar, tanto no que tange a educação básica, quanto à profissional e a formação dos próprios educadores.

Percebemos a importância do currículo e de suas múltiplas formas de análise, além de visualizarmos a importância e a mutabilidade deste. Para consagrá-lo, tivemos também conceitos básicos de pesquisa aliados de um modo de disciplinar e ordenar as aulas: os planos de ensino e de aula se mostram importantes para que através da análise conceitual, as disciplinas possam ser ministradas de modo empírico.

Referências Bibliográficas

CLERMONT, GAUTHIER; “**A esquizoanálise do currículo**” disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacao-realidade/article/view/25924>

JUK, Joelson; “**A didática na educação profissional técnica de nível médio no Instituto Federal do Paraná**” disponível em:
<http://www.brjd.com.br/index.php/BRJD/article/view/90>

LIBÂNEO, C. José; “**Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas**” disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0079.html>

SPUDEIT, Daniela; “**ELABORAÇÃO DO PLANO DE ENSINO E DO PLANO DE AULA**” disponível em:



**compartilhando
saberes**

PROGRAD



www.ufsm.br/compartilhando-saberes

<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/eb/ELABORAODOPLANODEENSINOEDOPLANODEAULA.pdf>